

# O PERCURSO HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA E SUA INFLUÊNCIA NA LINGUÍSTICA APLICADA

## THE HISTORICAL ROUT OF LINGUISTICS AND ITS INFLUENCE ON APPLIED LINGUISTICS

Mariana da Silva Neta **1**  
Jocyleia Santana dos Santos **2**  
Isabela Cristina Aquino Carvalho **3**

**Resumo:** Por meio de recortes nos estudos da linguagem, o presente artigo objetiva delinear o percurso histórico da linguística numa abordagem teórica desde seu início até os estudos linguísticos modernos; refletir sobre a linguística enquanto teoria, que passa por um processo histórico; e, aprofundar as reflexões sobre a linguística aplicada, analisando o seu processo evolutivo. Os pressupostos teóricos foram referendados por Câmara Jr. (1986), Celani (1992), Lyons (1979, 1981), Marra e Milani (2003), Pennycook (2006) e Rajagopalan (2003). Por séculos, a linguística tem se difundido como uma área produtiva, com múltiplas teorias e seus respectivos objetos de estudo, que, em consequência, também são diferenciados, tendo em vista que, normalmente, as teorias se contrapõem ou até mesmo se complementam.

**Palavras-chave:** Evolução da linguagem. Estruturalismo. Gerativismo. Sociolinguística.

**Abstract:** Through excerpts from language studies, this article aims to outline the historical course of linguistics in a theoretical approach from its beginnings to modern linguistic studies; reflect on linguistics as a theory, which goes through a historical process; and, deepen reflections on applied linguistics, analyzing its evolutionary process. The theoretical assumptions were endorsed by Câmara Jr. (1986), Celani (1992), Lyons (1979, 1981), Marra and Milani (2003), Pennycook (2006) and Rajagopalan (2003). For centuries, linguistics has spread as a productive area, with multiple theories and their respective objects of study, which, consequently, are also differentiated, considering that, normally, theories oppose or even complement each other.

**Keywords:** Evolution of language. Structuralism. Generativism. Sociolinguistics.

- 1** Doutoranda em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação da Amazônia (PGEDA) / Polo Palmas – UFT. Professora na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3429373481642963>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6776-023X>. E-mail: [mariana.sn@unitins.br](mailto:mariana.sn@unitins.br).
- 2** Pós-doutora em Educação (UEPA). Doutorado em História (UFPE). Coordenadora do Polo Palmas/Doutorado em Educação da Amazônia (PGEDA), Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/ UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8198025782417839>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2335-121X>. E-mail: [jocyleiasantana@gmail.com](mailto:jocyleiasantana@gmail.com)
- 3** Doutoranda em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação da Amazônia (PGEDA) / Polo Palmas – UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0026854025942795>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3777-6326> E-mail: [sabellacrisaquinocar@gmail.com](mailto:sabellacrisaquinocar@gmail.com)

## Introdução

As reflexões sobre a linguagem, considerando os múltiplos aspectos conceituais e diferentes concepções remontam à história da humanidade, mas atualmente, ela é concebida como a capacidade que todo ser humano tem de se comunicar, podendo ser estudada sob diversas perspectivas teóricas.

Os primeiros contatos do acadêmico com a Linguística possibilitam a impressão de se tratar de uma disciplina com uma história muito recente, tendo em vista que apenas há algumas décadas ela se firmou no formato atual, entretanto, desde o surgimento da escrita há pesquisas relacionadas à linguagem. Desta forma, para se abordar o longo e complexo trajeto da Linguística, seria necessário realizar todo o percurso, desde os gramáticos gregos, até chegarmos às concepções básicas de *lingua(gem)* postuladas por Bakhtin.

Se considerarmos que o estudo da linguagem em todos os seus aspectos é papel da Linguística, nesse caso o seu percurso histórico deverá englobar todas as abordagens anteriores, independente dos métodos utilizados e dos resultados alcançados. Sob essa perspectiva, caberia ao pesquisador compreender todos os ramos da história cultural, social e intelectual, bem como a linguística moderna com suas particularidades. Percebe-se, por meio de pesquisas, que a maioria dos especialistas tem centralizado seus estudos numa área delimitada com a qual possui afinidade.

Dessa forma, pretende-se traçar um breve percurso histórico da Linguística e aprofundar com reflexões sobre a Linguística Aplicada.

## Breve Introdução à Linguística

Um breve resumo das discussões e pesquisas sobre a *lingua(gem)* que antecederam o período da Linguística como ciência poderia contemplar as contribuições dos hindus, que se dedicaram à descrição do sistema fonético e gramatical, a fim de que os textos sagrados não sofressem alterações ao serem declamados nos rituais religiosos indianos, e para Lyons (1979, p. 22) “os gramáticos hindus foram bem além daquilo que se poderia julgar necessário ao seu objetivo original”, que era conservar os textos sagrados na sua essência, sem nenhuma mudança.

Panini (século IV a. C.) foi o mais conhecido dos gramáticos hindus, que descreveu minuciosamente o sânscrito, a mais completa e antiga língua da Europa, interessou-se pela conservação do rigor da língua e com as consequências de suas mudanças. O objeto principal do tratado de Panini refere-se aos procedimentos de derivação e de composição morfológica descritos com auxílio de regras ordenadas.

De acordo com WeedWood, (2002), no ocidente, a história da linguística tem início a partir de duas visões divergentes sendo, a linguagem como fonte de conhecimento e a linguagem como um mero meio de comunicação.

Dessa forma, os gregos analisavam a *lingua(gem)* com o propósito de designar a língua dos clássicos e conservar aquilo que acreditavam como superioridade em comparação aos outros povos, a sua cultura, resultando inclusive, no grande questionamento entre os gramáticos gregos, se a língua era produto de uma convenção ou da natureza. Desta forma, considerar a língua como uma instituição natural era “dizer que ela tinha sua origem em princípios eternos e imutáveis fora do próprio homem, e era por isso inviolável”. Afirmá-la como convencional correspondia dizer que ela era uma simples consequência da tradição e do costume humano, ou mesmo um tratado entre os membros de uma comunidade, e, “por ter sido feito pelos homens, podia ser pelos homens, violado” (Lyons, 1979, p. 4).

Em relação aos estudos referentes à linguagem na antiguidade clássica, os filósofos gregos que mais se destacaram foram Platão e Aristóteles, sendo que o primeiro “concebe o ato de falar como um compromisso com a verdade, pois acredita que toda ficção fatalmente se desmorone diante do que ele chama de ‘realidades vivas’, isto é, as ideias” (Brandão, 1976, p. 19-24). O segundo

defende a linguagem como base da reflexão filosófica e como veículo de expressão das crenças e valores humanos, além de classificar as palavras em três categorias: nomes, verbos e partículas, chegando inclusive a “elaborar uma teoria da frase, a distinguir as partes do discurso e a enumerar as categorias gramaticais” (Petter, 2003, p. 7).

Em nossos estudos sobre a língua(gem) nos remetemos ao filósofo grego Platão, que, por meio de três interlocutores, nos diálogos conhecidos como Crátilo, conduz a reflexões acerca da ligação entre a forma e o sentido expresso por ela. Reconhecemos que “O Crátilo” é um rico trabalho que merece uma análise mais detalhada, mas não temos aqui esta pretensão, logo compartilhamos somente uma breve apresentação do diálogo, a fim de contextualizar a dimensão convencional versus natural da linguagem, pois

O diálogo de Platão em questão inicia-se já com a colocação do problema que irá perpassar todo o texto: Hermógenes convida Sócrates para a conversa que está tendo com Crátilo acerca da justeza dos nomes. Por um lado, Crátilo defende a tese naturalista: as coisas têm nome por natureza - conformidade natural entre palavras e coisas - e Hermógenes, a tese convencionalista: nomes são corretos por convenção (Tucci, 2020).

Essa necessidade de entender os mistérios da linguagem, um dos elementos primordiais para a vida em sociedade, permanece até os dias atuais, e as inúmeras teorias que já surgiram acabam se complementando e contribuindo para a dinâmica da comunicação. Segundo Weedwood (2002, p. 25), no Crátilo, Sócrates sugeriu a Hermógenes que “as palavras, em algum sentido, são corretas, pois do contrário não cumpririam sua função; e, tendo surgido por convenção, elas devem ter sido inventadas por alguém”, ou seja, depois de arbitrar, é necessário que a sociedade faça uso, tornando assim, uma convenção. Este debate principal do diálogo em O Crátilo é a oposição entre o naturalismo e o convencionalismo do signo linguístico: imagem acústica (significante) e conceito (significado).

Os romanos colaboraram com o detalhamento da língua dos clássicos e a defesa de que esta era superior à língua realmente falada pelo povo, sendo que, para eles os estudos da linguagem serviam para a manutenção da superioridade do latim perante as línguas dos povos por eles conquistados.

Os estudos linguísticos que ocorreram na Idade Média pretendiam defender a continuidade do latim como a língua oficial da igreja a fim de que a fé cristã fosse disseminada, e tinham interesse pela comunicação entre os romanos. Lyons (1979, p.14) evidencia que o latim não “era apenas a língua da liturgia e das Escrituras, mas também a língua universal da diplomacia, da erudição e da cultura”. No latim do período medieval, ocorreram muitos progressos nos estudos gramaticais e alguns permanecem até os dias atuais.

Grandes transformações aconteceram quando a igreja romana reagiu com a Contra Reforma e a Inquisição, a fim de combater o movimento da reforma religiosa, gerando uma grande crise na visão teocêntrica do mundo devido à ascensão do pensamento antropocêntrico, esse período de grandes transformações aconteceu por volta do final do século XV e primeira metade do século XVI. Nesse período foi possível distinguir

duas abordagens bem diferentes da linguagem: a abordagem “particular”, que se concentra nos fenômenos físicos que diferenciam as línguas, e se aproxima muito das recém-surgidas ciências biológicas em seus métodos e resultados; e a abordagem “universal” que, concentrando-se nos princípios subjacentes à linguagem, continuou a buscar muito de sua inspiração e de seu método na filosofia e especialmente na lógica (Weedwood, 2002, p. 68).

No entanto, a partir do século XVII, há uma redução no crescimento do latim e é possível perceber o crescimento e valorização das línguas modernas da Europa, sendo que

essa tendência chega ao apogeu por volta de 1660, com a publicação da *Gramática de Port Royal*, de Lancelot e Arnoud, modelo que inspirou muitas gramáticas do século XVII. A partir daí, surge a necessidade de ampliar os conhecimentos e o empenho em comparar as línguas, classificando-as segundo suas identidades, valorizando assim, a historicidade da linguagem.

Segundo Câmara Jr. (1986, p. 26), “no começo do século XVIII esta corrente comparatista ganhou mais consistência e segurança”, abrindo caminhos para a linguística como ciência propriamente dita. Pois, Lopes (1997) afirma que, no final do século XVIII, a descoberta de semelhanças entre o sânscrito, o grego e o latim impulsionou a um minucioso estudo comparado dessas e de outras línguas.

Os primeiros resultados positivos dessa comparação surgiram em 1816, quando o linguista alemão Franz Bopp publicou um importante estudo sobre o sistema das conjugações da língua sânscrita, comparado com o das línguas grega, latina, persa e germânica, considerado o estudo introdutório da gramática comparada, sendo que nesta investigação foi feito o confronto dos verbos e suas conjugações em indo-europeu.

## **A Linguística do Século XIX - Gramática Comparada**

No século XIX, exclusivamente no período de 1810 a 1875, houve um grande desenvolvimento da linguística, devido à ampliação do conhecimento de várias línguas e o acesso aos diferentes falares.

Weedwood (2002, p. 103) declara que

a mais extraordinária façanha dos estudos linguísticos do século XIX foi o desenvolvimento do método comparativo, que resultou num conjunto de princípios pelos quais as línguas poderiam ser sistematicamente comparadas no tocante a seus sistemas fonéticos, estrutura gramatical e vocabulário, de modo a demonstrar que eram “genealogicamente” aparentadas.

As semelhanças entre o sânscrito, o grego e o latim conduziram aos estudos comparados, e essa comparação foi muito importante para entender que desde os mais remotos dialetos até as línguas literárias, todos sofrem mudanças ao longo do tempo. Dessa maneira, o percurso histórico sobre o estudo da língua conduzirá ao “florescimento das gramáticas comparadas e da Linguística Histórica” (Petter, 2003, p. 7), destacando o século XIX, como um período de revolução nos estudos linguísticos, por meio do comparativismo.

A gramática comparada relaciona-se com o estabelecimento de parentesco entre idiomas separados no tempo e no espaço, bem como à compreensão de estudos sob os parâmetros da linguística, orientando-se para a linguística histórica, por volta de 1860. Ainda no decorrer dos séculos XVII e XVIII, havia iniciativas com resultados consideráveis em relação aos estudos linguísticos, entretanto, no século XIX, o método comparativo linguístico se desenvolve partindo da certificação de similaridades entre o sânscrito com o latim e o grego e posteriormente do sânscrito com algumas línguas europeias.

Essas afinidades entre as diferentes línguas, segundo os primeiros comparatistas, poderiam ser observadas sob as perspectivas de que são provenientes de uma mesma língua-tronco (o indo-europeu); por meio da comparação de seus elementos gramaticais ou ainda reconstituindo os detalhes de sua evolução. Alguns cientistas como Schlegel, Grimm, Humboldt, Bopp, Pott e Schleicher foram os principais artesãos do domínio indo-europeu.

August Von Schleicher, seguidor da escola alemã que, com sua obra produziu grandes inovações metodológicas, marcou uma revolução nos progressos da gramática comparada, introduzindo o esquema da árvore genealógica em linguística e defendendo a hipótese de

reconstrução do indo-europeu primitivo, sendo este o objetivo de sua pesquisa.

## A Neogramática e as línguas vivas

Teve sua origem em Leipzig, na Alemanha, no decorrer do século XIX, mais especificamente entre as décadas de 1860 a 1870 e nasceu do contato com o Positivismo de August Comte e do método experimental preconizado por Claude Bernard. Como normalmente acontece, os jovens gramáticos envolveram-se em críticas ferrenhas aos pensamentos dos representantes comparatistas. Essa nova escola teve como principais representantes G. I. Ascoli (1829 - 1907), A. Leskien (1840 - 1916), Hermann Paul (1846 - 1921), Karl Brugmann (1849 - 1919), Ferdinand Saussure (1857 - 1912), etc. Dessa forma, os neogramáticos rejeitaram as teses da gramática comparada e passaram a defender estudos que pesquisassem as línguas vivas.

Foi por meio dessa polêmica que, em 1878, foi publicado o primeiro número da Revista *Morphologischen Untersuchungen*, fundada por Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919), conhecido como o manifesto neogramático. Introduzindo a orientação de que *(a língua existe no indivíduo e as mudanças se originam dele)*, concepção que até hoje é muito defendida nos estudos históricos, sendo inclusive aceita no senso comum.

Outro neogramático de grande importância foi Hermann Paul (1846 -1921), linguista alemão que publicou *Princípios fundamentais da história da língua*, cujo texto foi referência na formação dos diacronistas nas décadas iniciais do século XX e teve sucessivas edições.

Os Neogramáticos compreendiam que as mudanças linguísticas são ações mecânicas inteiramente necessárias, mas que a vontade humana não é considerada, defendiam também, que novas palavras ou locuções são formadas pelos usuários com base em semelhanças mais frequentemente sonoras.

Vários linguistas criticaram as concepções dos neogramáticos. Dentre eles, destacamos o austríaco Hugo Schuchardt (1842-1927), um dos primeiros estudiosos a considerarem as línguas emergentes em situação de contato, mas que tinha uma concepção subjetivista da língua, em que o indivíduo precede o todo.

Os pensamentos, ideias e estudos dos linguistas continuavam em transformação e Willian Dwight Whitney (1827-1894), com seu espírito inovador, afirmou que o signo linguístico possui natureza arbitrária, porque qualquer um dos outros milhares de vocábulos poderia ter sido usado; mas também convencional, porque depois que definimos, todos utilizam, pois foi aprovado e consentido na comunidade. Foi também o pensamento linguístico de Whitney que atribuiu o conceito de língua como instituição social.

Segundo Marra; Milani (2013, p. 144), os elementos língua, comunidade e indivíduo são interdependentes [...] “o indivíduo precisa da língua para pertencer a uma comunidade e exercer sua cidadania, logo, depende também da comunidade, que é uma agregação de indivíduos unidos pela mesma língua”.

## A Linguística do Século XX

A concepção sociológica do falante e da língua tornou-se mais firme nos primeiros anos do século XX, quando o linguista francês Antoine Meillet (1866-1936), defendeu a linguagem como um fato social, não fez distinção entre língua e fala e preferiu utilizar o termo linguagem, considerada como a razão principal de existência do grupo social como elemento que tornava possível a socialização entre indivíduos.

Meillet considerava a língua como um fato social e que tende a evoluir, tendo em vista que a história dos homens não é reta. Segundo Marra; Milani (2012, p. 87),

a forma como Meillet compreendia a natureza de uma língua definida como fato social não se diferencia da forma como também compreendiam Whitney e Saussure. Em ambos os

autores, está clara essa ideia de que uma língua possui uma realidade exterior ao indivíduo particular. Mas nenhum deles discordara de que ela, como uma instituição social, um fato social, um conjunto de regras convencionais, venha se tornar realidade interna a todos os indivíduos pelo aprendizado.

E, como nos casos dos outros linguistas, que na maioria das vezes tinham seguidores, Meillet também teve suas concepções sobre o léxico indo-europeu como motivação ao seu aluno Émile Benveniste, que ampliou seus estudos sobre o vocabulário das instituições indo-europeias.

## A origem múltipla do Estruturalismo

Em virtude da abrangência do estruturalismo, considerando que diversas outras áreas das ciências humanas, como a psicologia, a sociologia e antropologia também se apresentam sob a orientação de uma teoria estruturalista e da sua origem múltipla, especialmente na Europa, utilizaremos, nesta cronologia histórica, como início do Estruturalismo, a publicação do *Cours de linguistique générale* de Saussure.

A Linguística passou a ser considerada como ciência a partir dos estudos realizados por Ferdinand de Saussure, conhecido como o pai da Linguística Moderna, portanto, se negarmos sua contribuição estaremos negando a Linguística como ciência, mesmo sendo delimitado que as publicações são de seus discípulos que participarem do Curso de Linguística Geral. Das aulas nos cursos se produziu, postumamente, a obra que o reverenciou, o *Cours de linguistique générale*, publicado pela primeira vez em 1916. Seus seguidores, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), coletando os cadernos dos demais colegas, selecionaram de maneira cuidadosa o pensamento e as ideias

A concepção de que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a alguns princípios de funcionamento, formando um todo coerente, foi enfatizada por Saussure, mas coube à geração posterior detalhar como o sistema se estrutura.

Dentre as inúmeras contribuições de Saussure à Linguística, podemos destacar os conceitos de língua e fala, significante e significado, diacronia e sincronia, arbitrariedade e linearidade, paradigma e sintagma, entre outros. A oposição entre social e individual está determinada pela dicotomia entre *langue* (língua), que é social; e *parole* (fala), que é individual, além de partir do reconhecimento de que a linguagem é uma capacidade inata. Para Saussure, o próprio sistema da língua é “o conjunto de todas as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que determinam o emprego dos sons, das formas e das relações sintáticas, necessárias para a produção dos significados” (Lopes, 2005, p. 76-77). É exatamente a *langue* que vai interessar a Saussure, por isso, ele a caracteriza como essencial. Deve-se entender que, apesar de a língua (*langue*) existir na consciência de cada indivíduo, ela constitui um sistema supra individual, pois não é definida por um indivíduo – antes, é definida pelo grupo social ao qual esse indivíduo pertence (Lopes, 2005, p. 77).

Sintetizando, as diferenças entre *langue* e *parole* seriam mais ou menos assim: a *langue* é a língua que possui um sistema global de regularidades, tem caráter coletivo, social, exterior ao indivíduo, convencional e homogênea, o interesse prioritário por ela é do linguista, e pode ser estudada separadamente; já a *parole*, que é a fala, é composta por expressões propriamente ditas, possui caráter individual, é uma atividade linguística real, que traduz o pensamento da pessoa, ou seja, é a externalização da língua.

Já a linguagem para Saussure, era considerada multiforme, possui um lado individual e um lado social. A definição do objeto de estudo da Linguística não foi tarefa fácil, tendo em vista que o fenômeno linguístico apresenta duas faces que se correspondem, das quais uma não vale senão pela outra, ficando definido por Saussure que o único objeto da Linguística é a língua.

O Estruturalismo norte-americano teve como principal representante Leonard Bloomfield, cuja teoria da linguagem foi apresentada de modo independente quando o pensamento de Saussure começa a ser conhecido na Europa. As propostas formuladas pelos dois autores apresentam algumas diferenças e também alguns pontos em comum, sendo que o objetivo da teoria desenvolvida por Bloomfield propõe a elaboração de um sistema de conceitos aplicáveis à

descrição sincrônica de qualquer língua.

A vertente americana da linguística estrutural, conhecida como análise distribucional, propõe que para se chegar à descrição total de um estudo sincrônico da língua, deve-se partir da observação de um corpus para descrever seus elementos constituintes de acordo com a possibilidade de eles se associarem entre si de maneira linear, pois

sujeitos que tendem a se expressar de maneira concreta, tomando as palavras ao pé da letra. Em sua fala, utilizam poucos recursos linguísticos, poucas metáforas. (...) O comentário mais comum é o de que a sua linguagem seria pobre, devido à dificuldade de simbolizar e metaforizar (Gondar, 2010, p. 124).

Outro autor clássico da linguística norte-americana do início do século XX foi Edward Sapir, cujos estudos rompem os limites do estruturalismo saussureano. A sua teoria *Sapir-worf* nos mostra que a língua é muito ligada à percepção que temos do mundo, à nossa memória e comportamento. Mesmo sendo muito contestada por vários linguistas, precisamos extrair o que há de melhor nesta teoria, a possibilidade de conhecer mundos até então desconhecidos por meio da língua e dessa forma, alterarmos o modo de pensar, enxergar a vida e sua relação com o que está em volta. Assim, perceberemos que, quanto mais aprofundamos nossa relação com outros mundos, novos caminhos se abrem.

## O Gerativismo de Noam Chomsky

O Gerativismo é uma corrente da Linguística amparada nas ideias e pesquisas de Noam Chomsky, um dos principais linguistas do século XX. A linguística gerativa teve seu início em 1957, ano em que Chomsky publicou seu primeiro livro intitulado *Estruturas Sintáticas* e, ao longo desse período os pesquisadores dessa corrente se preocuparam em propor diversas modificações e reformulações, a fim de elaborar um modelo teórico que pudesse descrever e explicar como funciona a linguagem humana.

Esta corrente linguística veio contrapor o que defendia Leonard Bloomfield, que, em sua teoria behaviorista, sustentava que a linguagem humana era interpretada como um condicionamento social, uma resposta que o organismo fornecia mediante os estímulos que recebia da interação social, ou seja, devido a uma repetição contínua, essa resposta se transformava em hábitos, que caracterizavam o comportamento linguístico do falante.

Dessa forma, o Gerativismo carrega em si um compromisso com a utilidade de descrever as línguas humanas por meio de gramáticas gerativas de um tipo ou de outro. Noam Chomsky defende a ideia de que a língua é inata, e que a partir de um número limitado de regras, é possível gerar números infinitos de frases, logo, “se os humanos são parte do mundo natural e não seres sobrenaturais, então a inteligência humana tem seu escopo e seus limites determinados pelo design inicial” (Chomsky, 2005, p. 195).

Além disso, para o gerativismo, todo indivíduo tem predisposição para falar, portanto, essa corrente defende que não basta apenas descrever uma língua, é necessário explicá-la. Segundo Chomsky, a língua não se restringe a um conjunto de frases, mas se constitui em um saber a propósito dessas frases. Dessa forma, ele discorda que crianças aprendam por imitação e reproduzam como respostas a estímulos.

Todo ser humano é dotado da faculdade da linguagem, e toda criança parte do mesmo estado inicial em seu processo de aquisição de primeira língua, que vai se modificando à proporção que ela é exposta a um ambiente linguístico particular. Esse estado inicial da faculdade da linguagem, que é parte beneficiada pela genética da espécie humana, e, portanto, inato, chama-se gramática universal.

Com a manutenção dos interesses no que as línguas têm em comum, o Gerativismo, de alguma forma, acaba resgatando a gramática universal. Para Lyons (1981), o gerativismo está centrado na distinção entre competência e desempenho (performance), sendo que a

competência pode ser descrita como um “conjunto de normas internalizadas, ou regras, que nos permite emitir, receber e julgar enunciados de nossa língua” (Perini, 1985, p. 27), enquanto que o desempenho pode ser representado como o uso que fazemos da língua, enquanto resultado de complexos fatores linguísticos e extralinguísticos, ou seja, “o desempenho é, afinal, aquilo que efetivamente realizamos quando falamos (ou quando ouvimos, ou escrevemos ou lemos)” (Perini, 1985, p. 27), dessa forma, a distinção entre competência e desempenho, como feita por Chomsky, é equivalente à distinção entre *langue* e *parole*.

Isso significa que, a gramática gerativa entende que a língua não é exatamente assimilada na escola. Na verdade, em condições normais, a língua é adquirida antes mesmo de se entrar na escola por intermédio do convívio familiar e com a comunidade de falantes que contribuirá para essa aquisição. Conseguida dessa forma, a língua estabelece a competência do falante.

No decorrer de alguns anos, linguistas de diversas partes do mundo ampliam os estudos acerca da teoria gerativista em busca do seu aprimoramento, inclusive alguns que se consideram gerativistas, mas discordam de algumas ideias daquele que não deve ser considerado apenas como criador, mas principalmente como o mais influente teórico da linguística gerativa, um dos pensadores mais importantes da história contemporânea, Noam Chomsky.

## A Sociolinguística e a prática educacional

A Linguística é uma ciência que tem como objeto de estudo a língua, de suas ramificações surgiu a Sociolinguística, uma subárea que possui como objeto a fala ou as manifestações da língua. Também conhecida como “Sociolinguística variacionista” ou “teoria da variação”, a Sociolinguística surgiu como a área que trata das relações entre linguagem e sociedade, firmando-se nos Estados Unidos, na década de 1960, liderada por William Labov e destacando-se em 1966, após a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, em que William Bright, organizador do evento, decidiu reunir e publicar os trabalhos que lá se apresentaram sob o título de *Sociolinguistics*.

A Sociolinguística direcionou-se para a função social da linguagem e a influência dos fatores sociais sobre a língua, logo o olhar de docentes acerca do uso da língua precisa ser acolhedor. Como afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 15), [...] os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

Após um longo caminho percorrido, afirma-se que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada em seu contexto social, ou seja, num contexto de interação verbal entre pessoas que compartilham um conjunto de normas que orientam os usos linguísticos (Alkmin, 2004).

Dentre os principais representantes da Sociolinguística, destacam-se Antoine Meillet (1866 - 1936), André Martinet (1908 - 1999), Uriel Weinreich (1926 - 1967) e Willian D. Labov (1927...), que, a partir de um trabalho de mestrado fez uma releitura dos seus antecessores e sistematizou um método capaz de estudar a língua falada, sendo que segundo Daniel Marra (2017), o que realmente a define é o estudo das características das variedades linguísticas.

Segundo Cezario e Votre (2015), num estudo clássico de 1968, a análise dos fenômenos de mudança linguística deve levar em conta cinco grandes dimensões:

1. os fatores universais limitadores da mudança (e variação), que podem ser sociais ou linguísticos;
2. o encaixamento das mudanças no sistema linguístico e social da comunidade;
3. a avaliação das mudanças em termos dos possíveis efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a eficiência comunicativa;

4. a transição, momento em que há mudanças intermediárias;
5. a implementação da mudança: estudo dos fatores responsáveis pela implementação de uma determinada mudança; explicação para o fato de a mudança ocorrer numa língua em outros momentos (Cezario e Votre, 2015, p. 149-150).

Dessa forma, ao conceituar a Sociolinguística e analisar as mudanças linguísticas, os autores destacam que a sistematização da linguagem é buscada por meio do estudo da variação e suas variantes, entendidas como modos diferentes de se dizer algo. Isso ocorre por fatores linguísticos e não linguísticos como classe social, faixa etária, sexo, dentre outros. Sendo assim, mais uma interessante vertente de investigação é disponível aos pesquisadores, que utilizam dados estatísticos como ponto de partida para fazer as análises.

## Linguística Aplicada

A Linguística tem avanços significativos, com suas diversas especificidades, dentre as quais, faz-se necessário fazer uma averiguação dentro do contexto de sala de aula, afinal, como os professores que exercem a regência atualmente estão fazendo esta conexão? Que contribuições a ciência que estuda a língua(gem) pode proporcionar ao ensino? Os resultados das pesquisas recentes chegam até o professor em sala de aula? Partem das necessidades escolares?

Não é objetivo nesta reflexão encontrar respostas para todas as necessidades que surgem em sala de aula, mas demonstrar o percurso da Linguística Aplicada (LA) no Brasil e propor uma reflexão sobre o conhecimento linguístico estruturado e veiculado nas universidades e nos centros de pesquisa em relação à prática em sala de aula.

A Linguística Aplicada surgiu na década de 1960, com a inclusão da Linguística nos cursos de Letras, o que motivou os linguistas aplicados a ampliarem os estudos e estabelecerem novas diretrizes de pesquisa da LA. Em 1964, foi fundada a Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA); em 1966, a Associação Britânica de Linguística Aplicada (BAAL) e, em 1967, o TESOL Quartely. No Brasil, os primeiros passos da LA surgiram no dia primeiro de março de 1966, quando aconteceu a implantação do Centro de Linguística Aplicada Yásigi, em São Paulo, por orientação do Programa Interamericano de *Linguística y Ensenanza* de Idiomas.

A implantação formal da LA no Brasil aconteceria mais adiante, em 1970, época em que foi fundado o primeiro programa de Pós-Graduação *stricto-sensu* em Linguística Aplicada, na PUC-SP. Em 1971, o Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (LAEL) foi reconhecido como centro de excelência pelo CNPq, e em 1973, o mesmo foi credenciado pelo Conselho Federal de Educação.

Na década de 80, as fronteiras da LA começaram a se ampliar. Essa expansão foi registrada pelos extensivos trabalhos publicados ao longo dos dez primeiros anos do *Journal of Applied Linguistics* e do *Annual Review of Applied Linguistics* (ARAL), fundado em 1980. Almeida Filho (2007, p. 14), afirma que “a visão de LA após a metade dos anos 80 é muito mais abrangente do que o esforço sistemático de aplicação de teoria linguística”.

Registros demonstram que a LA teve um início mais dedicado ao ensino de língua estrangeira e, segundo Kleiman, ainda na década de 90 do século XX, a pesquisa em Linguística Aplicada ao Ensino e Aprendizagem de Língua Materna era ainda introdutória, com uma atuação muito mais tímida, mais recente e menos definida do que a pesquisa em Linguística Aplicada ao Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira (Kleiman, 2001).

Muitas críticas e desentendimentos entre pesquisadores acerca dos rumos da LA aconteceram nos últimos tempos, dessa forma, Celani (1992, p. 21), afirma que “a LA só pode firmar-se como área de pesquisa de direito próprio, respeitável no meio acadêmico, se os linguistas aplicados se dispuserem a fazer LA sem o injustificável complexo de inferioridade, ao invés de fazerem aplicação da Linguística”. E, nesse embate, Moita Lopes (2009) defende a

[...] necessidade de ouvir as vozes das periferias ou daqueles que foram alijados dos benefícios da modernidade (os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos colonizados etc.), não só como uma forma de produzir conhecimento sobre eles, mas principalmente pelo interesse em entender como suas epistemes, desejos e vivências podem apresentar alternativas para o nosso mundo (Moita Lopes, 2009, p. 21).

Dentre as divergências dos rumos da LA, Moita Lopes a defende como uma área de investigação independente, que deveria não delimitar e refletir apenas sobre produção de conhecimento, mas procurar compreender os diversos rumos da sociedade, o que Almeida Filho (2007, p. 16), contesta “dessa perspectiva, não mais se justificaria a expressão linguística aplicada a alguma coisa, mas sim pura e simplesmente o encadeamento (prosódico) dos dois termos (“linguística” e “aplicada”) [...]”.

Por meio dessas concepções, Moita Lopes (1996, p. 19-22) delinea os pontos que determinam as pesquisas desenvolvidas em LA. Para ele, a investigação em LA trata-se de pesquisa:

1. De natureza aplicada em Ciências Sociais, já que o seu foco é em problemas de uso da linguagem enfrentados pelos participantes do discurso no contexto social;
2. Que focaliza a linguagem do ponto de vista processual, por se evidenciar a linguagem da perspectiva do uso/usuário no processo de interação linguística;
3. De natureza interdisciplinar e mediadora, por ter como uma de suas tarefas mediar entre o conhecimento teórico advindo de várias disciplinas e o problema de uso da linguagem que pretende investigar;
4. Que envolve formulação teórica, visto que a LA também formula seus próprios modelos teóricos, podendo colaborar com o avanço do conhecimento dentro e fora de seu campo de ação;
5. Que utiliza métodos de investigação de base positivista e interpretativista, sendo que a pesquisa de base interpretativista representa um foco de investigação revelador de novas descobertas e é um método mais adequado à natureza subjetiva do objeto das Ciências Sociais.

A caracterização das pesquisas defendida por Moita Lopes, (1998a, p. 104), que já defendeu a LA como sendo de natureza “interdisciplinar” e atualmente a reconhece como “indisciplinar” se contrapõem ao que defendem alguns estudiosos e pesquisadores como Celani (1998, p. 115), que caracteriza a LA como uma área de investigação de natureza transdisciplinar, ao firmar que “a LA é o ponto, então, onde o estudo da linguagem se intersecciona com outras disciplinas” Celani (1992, p. 19).

A respeito da interdisciplinaridade em LA, Leffa (2001, p. 4) afirma que

[...] pesquisar em Linguística Aplicada é como pesquisar petróleo no mar: precisamos abandonar o conforto de caminhar em terra firme, com balizas enterradas no chão, e aprender a navegar, assestando nossos instrumentos em plataformas móveis. E, ao contrário das críticas atribuídas à área, continua: Não é por conviver com a diversidade e beber de várias fontes de conhecimento, que deixamos de ter uma especialidade. Nossa especialidade é justamente essa diversidade que é o estudo da língua não como uma entidade abstrata na cabeça do indivíduo, mas como um instrumento de uso para a comunicação entre as pessoas em diferentes contextos. A diversidade é nossa especialização. Está aí, a meu ver, a essência da pesquisa em nossa área.

Analisando todos esses pensamentos e concepções diversas, percebemos que a LA possui um longo caminho a percorrer a fim de alcançar uma unidade para poder contribuir com o pensamento linguístico e quem sabe chegar a “[...] uma LA transgressiva [...] sempre engajada em práticas problematizadoras” (Pennycook, 2006, p. 83), por meio de uma abordagem crítica para a LA, isto significa dizer que nós, na qualidade de intelectuais e professores, precisamos assumir posturas morais e críticas a fim de tentar melhorar e mudar um mundo estruturado na desigualdade (Pennycook, 1998).

Alguns pesquisadores, como Rajagopalan (2003), ressaltam que é necessário ficar atento ao falar do leigo, valorizar a sabedoria popular a fim de mantermos um diálogo entre leigos e acadêmicos, o qual contribuirá com a aproximação entre pensar a vida, pois

o conhecimento sobre a linguagem pode e deve ser posto a serviço do bem-estar geral, da melhoria das nossas condições do dia a dia [...] Para isso, é necessário lembrar, com frequência, que podemos estar errados sobre esta ou aquela questão. E, finalmente, acreditar que nunca é tarde para aprender e nunca se sabe de quem se pode aprender a nossa próxima lição Rajagopalan (2003, p. 12)

Como afirma o autor acima, precisamos sempre buscar parcerias, acreditar que os ensinamentos podem acontecer de ambos os lados, não importa o grau de sabedoria, sempre temos algo a ensinar e a aprender. Portanto, cabe destacar a importância da comunicação efetiva, que as pessoas possam se fazer ser entendidas, ouvidas e isso independe da linguagem utilizada.

## Considerações Finais

Por meio deste percurso historiográfico, foi possível perceber todo o caminho percorrido pela Linguística, partindo das origens, como o Crátilo, acompanhando o crescimento e a evolução da língua em todas as suas teorias, sendo que algumas se contrapõem e outras se complementam, explicam, e aprofundam os conhecimentos.

É perceptível que, ao longo do tempo, os pesquisadores, com interesses diversos, contribuíram com os avanços e possibilidades de compreensão acerca dessas mudanças, chegando a se firmar no século XX e proporcionando aos pesquisadores iniciantes o conhecimento das teorias para seleção daquela que melhor se adapta aos seus estudos.

Nessa perspectiva de pesquisa com ênfase na Linguística Aplicada, foi permitido a análise de sua trajetória, observando o início e as dificuldades em virtude da tentativa de desligamento da Linguística, necessidade de criar objeto e identidade próprios, além dos desentendimentos entre os pesquisadores da área. Mas, com os avanços ocorridos nos últimos tempos, percebe-se que é necessário que alguns pesquisadores se desnudem de conceitos arraigados e comecem a pensar um pouco nas concepções que podem agregar, não desarmonizar, pois dessa forma será possível avançar ainda mais nas pesquisas e principalmente, entender o mundo a nossa volta, fazer parte dele e contribuir com os contextos escolares.

A forma como a variação linguística é tratada em sala de aula, nas inúmeras maneiras de cada estudante falar exige, por parte dos envolvidos no processo educacional, principalmente dos docentes da língua materna, muitas reflexões. Assim como este, vários outros estudos sobre a língua vêm sendo desenvolvidos, logo, esse não é um tema que se expira aqui, deixando portas abertas e caminhos a serem percorridos.

## Referências

ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org). **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2004.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Linguística Aplicada, ensino de línguas e comunicação**. 2. ed.

Campinas, SP: Pontes Editores e ArtelÍngua, 2007.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 15, 61.

BRANDÃO, Roberto de O. **A tradição sempre nova.** São Paulo: Ática, 1976.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. **História da linguística.** Maria do Amparo Barbosa de Azevedo (Trad) Petrópolis: Vozes, 1986.

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Linguística Aplicada? *In:* PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. A. (Org.). **Linguística aplicada:** da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992, p. 15-23.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. *In:* SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade:** questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 115-126.

CEZARIO, M. M, VOTRE, S. Sociolinguística. *In:* MARTELOTA, M.E. (Org.) **Manual de Linguística**, 2. ed., 3 reimpressão - São Paulo: Contexto, 2015.

CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da Mente.** São Paulo: Unesp, 2005. 343 p.

GONDAR, J. As coisas nas palavras. Ferenczi e a linguagem. **Cadernos de Psicanálise - CPRJ**, Rio de Janeiro, ano 32, v. 23, p. 123-132, 2010.

KLEIMAN, A. Formação do professor: retrospectivas e perspectivas na pesquisa. KLEIMAN, A. (Org.). **A formação do professor:** perspectivas da Linguística Aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p.13-35.

LEFFA, Wilson. J. A Linguística Aplicada e seu compromisso com a sociedade. Trabalho apresentado no **VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada.** Belo Horizonte: UFMG, 7- 11 de outubro de 2001.

LOPES, Edward. A semiolinguística de Ferdinand de Saussure. *In:* **A identidade e a diferença.** São Paulo; EDUSP, 1997, p. 45-67.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica.** São Paulo: Edusp, 1979.

LYONS, John. **Linguagem e linguística.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet. **Linha d'Água**, n. 25 (2), p. 67-90, 2012

MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. Reflexões acerca do conceito de língua como uma instituição social em William Dwight Whitney. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 46, p.129-147, 2013

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? *In:* SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade:** questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998a

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. *In:* PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Org.). **Linguística aplicada:** um caminho com diferentes acessos. São

Paulo: Contexto, 2009

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de Linguística Aplicada**. A natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

PENNYCOOK, Alastair. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. BRAGA, Denise Bertóli; FRAGA Maria Cecília dos Santos. (Trad.) In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 21-46.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67- 84.

PERINI, Mário Alberto. **A gramática gerativa**: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. 2. ed. Belo Horizonte: Vigília, 1985.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, Linguística. In: FIORIN, José L. (Org.). **Introdução à Linguística I**. São Paulo: Contexto, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

TUCCI, Flora. Crátilo e Ferenczi: uma reflexão sobre a linguagem. **Cadernos de psicanálise**. Versão Online. ISSN 1413-6295. vol.42 no.43 Rio de Janeiro, jul./dez. 2020

WILSON, V., MARTELOTTA M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M.E.(Org). **Manual de Linguística**, 2. ed. 3ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2015.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. BAGNO, Marcos (Trad.). São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

Recebido em 21 de outubro de 2022.

Aceito em 23 de maio de 2023.